

ESTÁGIO NÃO FORMAL: VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO ESPECIAL

UNFORMAL STAGE: EXPERIENCES WITH SPECIAL EDUCATION

Ana Paula Butzen Hendges (abhendges@gmail.com)

Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo descrever alguns pontos relevantes, observados com a realização do estágio de educação não-formal, este, desenvolvido em uma escola de educação especial mantida pela APAE em uma cidade da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. O estágio realizou-se com a turma da EJA etapa II, nas segundas-feiras e quartas-feiras, onde se ocupava o período diurno vespertino para a realização do mesmo. O tema norteador das atividades realizadas foi “Educação Alimentar e Ambiental”. Discutiu-se a possibilidade de levar algo que motivasse a participação dos estudantes e os levasse a construir o conhecimento através das atividades propostas, visando à autonomia dos mesmos. O estágio foi realizado nessa instituição por representar um desafio à formação docente e motivar na busca por um maior conhecimento sobre a educação especial e seus desafios, possibilitando melhor posicionamento frente a situações que possam vir a ocorrer no âmbito escolar, tanto nos próximos estágios quanto na atuação profissional. Compreendo que o trabalho desenvolvido na educação especial difere do que é desenvolvido nas escolas de ensino tradicional, e esse desafio me fez refletir constantemente sobre nossas metodologias de ensino, contribuindo significativamente para a minha formação docente.

Palavras-chave: Educação Especial; Alimentação Saudável; Educação Ambiental.

Abstract: The present work aims to describe some relevant points, observed with the accomplishment of the non-formal education stage, this one, developed in a special education school maintained by APAE in a city in the northwest region of Rio Grande do Sul state. The internship took place with the EJA stage II class, on Mondays and Wednesdays, where the afternoon daytime was occupied for the same. The guiding theme of the activities was “Food and Environmental Education”. It was discussed the possibility of taking something that would motivate students' participation and lead them to build knowledge through the proposed activities, aiming at their autonomy. The internship was held at this institution because it represents a challenge to teacher education and motivates the search for greater knowledge about special education and its challenges, enabling better positioning in situations that may occur at school, both in the next stages and in professional performance. I understand that the work done in special education differs from the work done in traditional schools, and this challenge made me constantly reflect on our teaching methodologies, contributing significantly to my teacher education.

Keywords: Special Education; Healthy eating; Environmental education.

1. INTRODUÇÃO

No curso de Física Licenciatura, proposto pela Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo, há o Componente Curricular Regular Estágio Curricular Supervisionado II: educação não formal, onde se buscam instituições como a APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais), casa de repouso ou lar de idosos, CRAS (Centro de Referência de Assistência Familiar) e escolas de educação infantil, para a realização de atividades educativas.

Quando falamos em educação não formal, é quase automática sua comparação com a educação formal, porém, a educação formal trabalha com um currículo pré definido, enquanto a não formal desenvolve propostas sociais e coletivas que têm como objetivo central agregar ganhos cognitivos aos indivíduos, visando sempre o exercício da cidadania. Para Gohn,

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; (2006, p. 28).

Nesse sentido, entende-se que o estágio na educação não formal se faz necessário para compreendermos a necessidade de desenvolvermos práticas voltadas à socialização, trabalhando com a investigação-ação e o desenvolvimento do indivíduo para a compreensão do mundo ao seu redor.

Como requisito para a conclusão do estágio curricular supervisionado II, escolheu-se a instituição de educação não formal APAE, que é mantenedora de uma Escola de Educação Especial, denominada Escola Especial Novo Amanhã.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva define que,

a educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto à sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular. (BRASIL, 2007).

Tendo em vista que a inclusão em educação especial depende, entre outros aspectos, da elaboração de um planejamento pedagógico para estudantes com Necessidades Educacionais Específicas (NEE), que esteja voltado às potencialidades do estudante e não à sua deficiência, as atividades desenvolvidas no estágio diferenciaram-se das realizadas na sala de aula tradicional, não sendo substitutivas à escolarização, ou seja, essas atividades complementam e/ou suplementam a formação dos estudantes com vista à autonomia dentro e fora da escola, pois muitas vezes são vistos como incapazes de realizar determinadas atividades.

Levando em consideração todos os aspectos exigidos pela educação especial, principalmente no que tange à inclusão, fundamentou-se o planejamento pedagógico de modo que melhor se adequasse aos estudantes, realizando constantes alterações para o bom desenvolvimento das atividades e melhor aproveitamento por parte dos envolvidos.

2. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

O projeto desenvolvido consistia em atividades voltadas ao tema “Educação Alimentar e Ambiental”, que foram desenvolvidas com uma turma da segunda etapa da EJA (Educação de Jovens e Adultos), contando com a supervisão da professora regente da turma.

As atividades a serem desenvolvidas no decorrer do estágio foram discutidas previamente com a diretora da escola e a professora responsável pela classe, a fim de abordar a realidade dos envolvidos, lembrando que, para isso, é preciso conhecer cada sujeito a quem se ensina. Para a realização das tarefas, usufruiu-se da sala onde são realizadas as oficinas da entidade, da sala da turma e também da sala de vídeos, usando o horário de aula normal dos estudantes.

As atividades foram desenvolvidas no mesmo dia que a aula de educação física. Sabendo da importância da mesma tanto para o desenvolvimento do aspecto físico, como do

mental, emocional e de socialização (VIEIRA, 2011, p. 3), optou-se por participar das aulas incentivando os estudantes e realizando as tarefas juntamente com eles. Além do mais, a realização de exercícios físicos está diretamente ligada com a aquisição de uma vida saudável.

O primeiro contato com a turma foi em um dia de observação. Nesse primeiro contato com os estudantes, e em conversa com a professora regente da turma, identificou-se os possíveis limites e as potencialidades de cada um, a fim de planejar atividades voltadas ao potencial dos estudantes e não às suas capacidades, muitas vezes predefinidas pela sociedade.

As atividades foram baseadas nos três momentos pedagógicos (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002), buscando a participação ativa dos envolvidos. Como primeira dinâmica, desenvolveu-se a trilha dos sentidos, onde a mesma ocorreu de forma individual, o que não gerou bons resultados, visto que, os estudantes se sentiram inseguros e, conforme Duck (2006, p.178), é preciso utilizar estratégias de aprendizagem cooperativa, pois resultam em efeitos positivos no rendimento escolar, na autoestima, nas relações sociais e no desenvolvimento pessoal.

A partir dessa experiência, passou-se a desenvolver atividades coletivas, dentre elas, a confecção de bolos e sucos saudáveis (os quais foram disponibilizados as receitas em forma de livrinho), a física na cozinha, que englobava a discussão do funcionamento do liquidificador e do método para resfriar a bebida rapidamente, elaboração de um prato saudável com massa de modelar caseira, montagem de uma tabela nutricional mostrando a quantidade de açúcar presente nos alimentos consumidos no dia a dia, além do cultivo de uma horta orgânica na escola, utilizando pneus em desuso.

3. DISCUSSÃO DO RELATO

Através da experiência adquirida com a realização do estágio em uma instituição para Pessoas com Necessidades Educativas Especiais (PNEE), averiguou-se que é impossível chegarmos a um consenso sobre qual a melhor maneira de ensinar os alunos com necessidades especiais, visto que, cada aluno, mesmo com a mesma deficiência, possui suas especificidades

(GLAT et al., 2006). Isso também vale para discentes na escola regular de ensino, afinal, somos todos diferentes e cada um tem seu próprio modo e tempo de aprender. Porém, não é impossível adotar diferentes metodologias que resultem em dados positivos quanto à aquisição de conhecimentos e habilidades (no que tange, também, a autonomia). Para isso, é preciso um olhar atento para o sujeito e constantes reflexões sobre e na prática.

Atender às diferentes necessidades educacionais, aos interesses e estilos de aprendizagem de cada estudante exige, necessariamente, a utilização de inúmeras estratégias de ensino-aprendizagem que os docentes devem experimentar em seus próprios processos de aprendizagem durante a formação (tanto inicial quanto continuada). A vivência dessas estratégias oferece ao docente a segurança necessária para aplicá-la em sala. (DUK, 2006, p. 29).

Com a realização das atividades pude destacar situações que me permitiram grandes reflexões, uma em especial. A atividade da tabela de informação nutricional foi realizada em dois encontros e teve por objetivo demonstrar a quantidade de açúcar presente nos alimentos e discutir os malefícios que o mesmo traz à saúde. Os estudantes participaram de forma ativa através de diálogos e relatos pessoais. Conforme Freitas (2014), a aula expositiva dialogada propicia uma maior interação professor/estudante, uma vez que, por meio de questionamentos e diálogos se motiva os alunos a argumentar e explanar suas conclusões.

A atividade prosseguiu da seguinte maneira: Primeiramente assistimos a um documentário intitulado “Muito além do peso”, que trata sobre a epidemia de obesidade infantil que estamos vivendo atualmente. Por conta disso, as crianças começaram a apresentar doenças que antes só eram comuns aos adultos, como diabetes tipo 2, problemas cardiovasculares e depressão. O documentário mostra e questiona os péssimos hábitos alimentares das nossas crianças hoje em dia. A diretora do filme também busca chamar a atenção para as indústrias de alimentos e bebidas industrializadas, que abusam de propagandas voltadas para o público infantil para vender produtos que não fazem bem para a saúde.

Optou-se por discutir esse documentário pelo fato dele transmitir a atual realidade da saúde, usufruindo de diálogos simples com pessoas comuns (sem formação no assunto), buscando a realidade do dia a dia de cada um, bem como informações trazidas por profissionais da área da saúde e corpo. Isso permitiu compararmos e refletirmos facilmente com as nossas escolhas alimentares do dia a dia, bem como avaliar quantos problemas são decorrentes da má alimentação e do sedentarismo (o qual elevou com os avanços tecnológicos).

Após assistir o documentário, selecionamos alguns alimentos que os estudantes mais consomem (resultado obtido através de diálogos anteriores) e, a partir da quantidade de açúcar presente neles (medido e mostrado em aula), bem como, usando as informações trazidas no documentário, discutimos sobre o que ingerimos em nossas refeições e os malefícios que os alimentos processados e ultraprocessados podem ocasionar, além do acúmulo de lixo ocasionado por esses produtos.

A maioria dos estudantes mostrou interesse na atividade, bem como, surpresa ao saber da quantidade de açúcar nos alimentos. Ao comentarmos sobre os aspectos voltados à saúde, mostraram preocupação. Ou seja, boa parte dos estudantes conseguiu compreender a mensagem que desejávamos passar: A alimentação interfere diretamente em nossas vidas; Consumir excessivamente alimentos ultraprocessados causa, entre outras, diabetes, obesidade e hipertensão e viver com essas doenças é limitar a vida a cuidar da saúde; Podemos reduzir o açúcar e a gordura, é uma questão de tempo, acompanhamento especializado e dedicação; Eu não posso fazer nada por você caso você não queira que eu ajude (deixe-se ajudar).

No segundo encontro confeccionamos uma tabela de informação nutricional para exposição. Nessa aula, apenas alguns estudantes colaboraram com a confecção do cartaz. Normalmente sempre eram os mesmos que participavam das atividades, enquanto os demais apenas faziam uma observação não participante, ou seja, se encontravam na condição de estranho ao grupo ou atividade. (DUK, 2006, p. 37).

Essa situação de observador não participante prejudica tanto a aula quanto o rendimento do discente, pois, além de não haver colaboração nenhuma com a atividade, ele deixa de adquirir experiências, conseqüentemente, aprendizagens.

Isso me remeteu a uma reflexão sobre minhas práticas de ensino, que não estavam conseguindo fazer com que determinados estudantes interagissem com a atividade, me deixando frustrada e com um sentimento de incapacidade. Porém, isso é um processo longo, entre erros e acertos, o importante é tentar.

As atividades desenvolvidas são uma sequência que visam à informação sobre aspectos voltados à temática educação alimentar. Essa temática permite elaborar uma proposta voltada à Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), porém, a mesma não ocorreu, visto que não trabalhei corretamente com a CTS, deixando a tecnologia apenas como forma de propaganda dos alimentos, desenvolvimento de produtos alimentícios e umas das causas do sedentarismo, porém, poderia ser trabalhado com os exames médicos e remédios que prolongam e melhoram a saúde de indivíduos com doenças causadas pela má alimentação, podendo ser analisada a indústria farmacêutica na perspectiva do tratamento e não da cura de doenças. Além disso, ao trabalhar com a obesidade, poderia ter comentado sobre transtornos alimentares como anorexia e bulimia, dando ênfase nos aspectos sociais que interferem na autoestima e levam o adolescente a perder a vontade de viver e isolar-se do convívio social, apontando a influência da mídia que dita regras de beleza e comportamentos. (GOMES et al., 2015, p. 195-196).

A partir dos resultados proporcionados pelas experiências em sala de aula, me permite reformular ideias e buscar aprimorar a didática em busca da construção de uma aprendizagem mais significativa. Essa constante reformulação deve ser realizada tanto em escolas regulares quanto na educação não formal.

Vimos que, mesmo com a implementação, entre outras, da LDB 9394/96, dos Parâmetros Curriculares Nacionais que direcionam adaptações curriculares através de estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais e das Diretrizes para a Educação Especial na Educação Básica de 2001, as práticas pedagógicas ainda trazem

consigo um preconceito latente em relação aos indivíduos com necessidades especiais, sendo desenvolvidas atividades centradas nos limites impostos pela sociedade e não nas potencialidades individuais dos estudantes. Esse preconceito se expande para os mais variados ambientes sociais, estando fortemente presente em escolas de educação regular, onde muitos estudantes, ditos normais, praticam bullying com quem apresenta alguma deficiência ou apenas é diferente no seu modo de agir. Estando presente, também, na falta de acesso à educação regular de qualidade, na falta do direito de ir e vir, assegurado pelo Art. 5º da Constituição Federal de 1988, e na falta de credibilidade ofertada a esses indivíduos, muitas vezes enclausurados pela sociedade.

Segundo Freire (2000, p. 367), “Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando os índios, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a serem sérios, justos, e amorosos da vida e dos outros”. Através dessa citação, podemos pensar e avaliar a atual situação de acesso de estudantes especiais em escolas regulares de ensino, as quais não oferecem apoio especializado para a aprendizagem de pessoas com NEE, conseqüentemente, não desenvolvem seres críticos frente às questões sociais e humanas, tanto dos próprios discentes especiais quanto dos ditos “normais”.

Certamente, depois da realização do estágio em educação não formal na APAE, poderia dizer que experiências inclusivas com pessoas com NEE em estágio curricular obrigatório, nos cursos de licenciatura, poderiam ser um dos caminhos que proporcionaria aos futuros professores a experiência de conhecer o outro de quem se fala, para além dos textos científicos, como analisou Skliar (2006) e que Barreto (2009) também anunciou ser uma experiência valiosa, o que ainda infelizmente não ocorre na maioria dos cursos de formação de professores no Brasil. (NOZI; VITALIANO, 2011, p.6).

4. CONSIDERAÇÕES

Percebe-se, com a realização desse estágio, que o desenvolvimento de práticas educativas que envolvam os estudantes diretamente contribui para a construção do conhecimento: ele se envolve com a proposta, associando os conceitos à atividade, o que

favorece o ensino-aprendizagem, estimulando o interesse e a curiosidade do estudante pelas aulas, instigando-os a buscar mais do que o que está em sua zona de conforto, contribuindo, também, para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes.

Desse modo, pôde-se notar, com a participação deles em sala de aula, que as atividades propostas serviram para que eles entendessem o que era alimentação saudável e a importância de nos alimentarmos dessa forma para melhorar nossa qualidade de vida. Em conversa com os estudantes observou-se que passaram a utilizar, também, alguns conceitos trabalhados durante as aulas, embora tenham usado linguagem coloquial para referir-se a eles.

Assim, no decorrer das aulas, notou-se que as atividades práticas os instigaram a participar e dialogar. Por isso, acredita-se na importância de uma aula dialógica-problematizadora e da reflexão-ação-reflexão das práticas. Entende-se que os estudantes precisam ser instigados a expor seus entendimentos e dúvidas, exercitando sua capacidade criativa, crítica e autônoma, para que possam ao longo do processo de ensino-aprendizagem, construir seu conhecimento de forma significativa. Assim, proporcionaremos aos estudantes a oportunidade de se posicionar criticamente frente às questões sociais e políticas.

Já para nós, professores em formação inicial, a oportunidade de adentrar a sala de aula, ainda mais uma sala de aula com perspectiva de inclusão, oportuniza-nos vivenciar o ser professor e refletir sobre nossa prática, possibilitando uma (re)construção da metodologia através de nossas vivências e, como referem Karas, Kierepka e Santos (2015), vivenciar um pouco da vida de um Professor de verdade.

5. REFERÊNCIAS

BARRETO, M. A. S. C. **Estágio e Pesquisa:** Uma contribuição à formação inicial de professores de educação especial. In: JESUS, D.M. de; BAPTISTA, C.R.; BARRETO, M.A.S.C.; VICTOR, S.L. Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa. Porto Alegre: Mediação, 2009. P. 271-280.

BOOTH, T. & AINSCOW, M. Index Para a Inclusão. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. UFRJ: Lapeade [Tradução de M.P. Santos], 2011.

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José A.; PERNAMBUCO, Marta M. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.
- DUK, C. (ed.) **Educar na diversidade**: material de formação docente. 3 ed. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educarnadiversidade2006.pdf>>. Acesso em 26 abr. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.
- GOHN, Maria da Gloria. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006
- GLAT, R. et. al. **Formação de professores na educação inclusiva**: diretrizes políticas e resultados de pesquisas. 2006. Disponível em: http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/livros_artigos/pdf/endipe3.pdf. Acesso em 12 mar. 2010.
- KARAS, Mariane Beatriz; KIEREPKA, Janice Silvana Novakowski; SANTOS, Rosemar Ayres dos Santos. Os três momentos pedagógicos: ensino de física como prática reflexiva no Ensino Fundamental. In: VII Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia. 2015. **Anais...** Criciúma, SC: Unesc, 2015, p. 01-10.
- MARMITT, Débora Beatriz Nass; HUNSCHE, Sandra; SANTOS, Rosemar Ayres dos. **Atividades experimentais e a abordagem temática**: contribuições para o ensino de Física na EJA. In: XXI Simpósio Nacional de Ensino de Física – SNEF, Uberlândia, MG. **Anais...** Rio de Janeiro: SBF, 2015. p. 1-8.
- ROSITO, Berenice Alvares. O ensino de ciências e a experimentação. In: MORAES, Roque (Org.). **Construtivismo e ensino de ciências**: Reflexões epistemológicas e metodológicas. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 195-208.
- SKLIAR, C. **A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”**. In: RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. p.15-34.
- SANTOS, M. P. dos; SANTIAGO, M. C. Ciclo de formação de professores sobre inclusão emeducação: em direção a uma perspectiva omnilética. In: 36ª Reunião Nacional da ANPED, 2901, 2013, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Samambaia: UFG, 2013. Disponível em <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt15_trabalhos_pdfs/gt15_2901_texto.pdf>. Acesso em 5 jul. 2018.